

A Fraternidade

ORGÃO DOS CAIXEIROS E DO COMMERCIO EM GERAL

Quinzenario independente

DIRECTOR,
JOAO DE SOUSA *

SECRETARIO DA REDACÇÃO,
FRANCISCO GUIMARÃES *

ADMINISTRADOR,
JOSÉ CARVALHO

Assignaturas (Pagamento adiantado)
Portugal, um anno 600 rs.—Semestre 300 rs.
Brasil (moeda forte) 1\$200 »

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA BARJONA DE FREITAS, 38-2.º
Officina de impressão: Typ. «Minerva»—Famalicão

Annuncios (Preços convencionaes)
Não se publicam escriptos que tentem ferir
qualquer individualidade
EDITOR, FERNANDO MONTEIRO

Aguilhoadas

Não caiu o governo, mas este e El-Rei dissolveram a camara dos deputados. Para nós, o caso foi o mesmo. Uma dissolução, para nós, que luctamos pela conquista de um ideal antigo, bem enraizado no espirito popular, bem cheio de justiça no pensar imparcial de todos, representa mais compassos de espera!

Mais uma esperança que se tornou em illusão!

Temos de esperar até á formação e abertura da nova camara de deputados.

Mas d'aqui até lá, toda a classe deve pensar e traçar o plano da sua propaganda, preparando-se para dirigir-se ao parlamento, convencida de que, pelo muito instar e pelo não esfriamento do seu entusiasmo, ha-de vencer.

«A Fraternidade» tambem suspende os seus trabalhos — segundo o seu director me diz — mas ha-de ressuscital-os com todo o calor n'uma época muito proxima.

Este jornal creê, e tambem eu creio, que o parlamento ha-de votar na proxima legislatura a lei do descanso dominical; porque isto é uma causa já madura e já estudada convenientemente; e, por isso, bastará um impulso energico, decidido, para saírmos victoriosos.

Mas como preparar-se esse impulso?

— Levando por diante a constituição da Federação, unindo-se a classe.

E bastará isto?

Outros, mais adiantados em assumptos sociaes e mais experimentados em materia d'esta ordem, o dirão.

Que a classe precisa de emancipação, de descanso e de liberdade, são factos justificadissimos.

Que todos abracem o —
«luctar pela sua li-

berdade é obrigação de todos os oprimidos,, — e o —
«haja união e solidariedade para se vencer,, — aconselhado por este jornal, no seu ultimo numero.

Dois negociantes de Setubal, quizeram aniquillar a regalia concedida aos caixeiros locais. Mas estes não desanimam, impondo e fazendo valer os seus direitos. Bello exemplo, para aquelles que quebram ao primeiro golpe que recebem.

Aguilhão.

«O descanso dominical está em harmonia com as leis e determinações da nossa religião e da nossa Igreja; é indispensavel para estreitar os laços de familia, é aconselhado por todos os preceitos da hygiene e da saude publica.»

Conde de Castro e Solla (deputado).

«A Voz do Caixeiro»

Entrou no 7.º anno de publicação este nosso confrade lisbonense, que, como nós, defende os direitos dos caixeiros.

Ao collega, intransigente luctador, os nossos cumprimentos e o desejo de que progrida sempre.

— A proposito: — Foi imerecida a nossa queixa no ultimo numero, referente áquelle jornal, porque, por motivos particulares, havia suspenso a publicação; e foi este o motivo porque o não recebiamos.

Correspondentes

Acceita-os, A Fraternidade, nas terras onde ainda os não tenha; podendo, por isso, os collegas que queiram sel-o, dirigir-se á redacção do jornal, para lhes serem enviados os cartões de identidade.

Aos actuaes, pedimos o obsequio de nos enviarem os seus escriptos com antecedencia de 4 dias, pelo menos, para se evitar a irregular saída d'A Fraternidade. E tambem lhes pedimos communicação, sempre que possam, de todas as noticias referentes á nossa classe.

Divagando

E' muito provavel que as minhas gentis leitoras não gostem do que vou dizer-lhes; porém eu não quero de fórma alguma que façam doutrina das minhas palavras e muito menos ainda que ellas vão arrefecer a estima ou amor que lhes consagra o sexo feio.

Falo comuigo mesmo e ser-me-ha muito agradavel o saber que nenhuma pessoa ligou importancia a estas pobres linhas, que não passam de serem dictadas ao acaso, sem intuito, friso bem, de pretender dominar com ellas os pensamentos e livre apreciação dos outros que muito respeito.

Em lugar de n'um café ou qualquer outro centro de cavaqueira criticar os costumes d'este ou d'aquelle, eu, sózinho, reflexionei e por meio de dois ou tres linguados espan-do o que penso com aquelles que teem a benevolencia de me lerem para, talvez, mais depressa, lhes advir o somno.

Eu falo com o meu intimo, sómente, e, por isso, não pretendo o emprego d'um estylo nobre que não sei usar, nem uns floriantos na escripta, que não aprendi.

Como penso, assim falarei.

Não sei o que muita gente entende por namorar; mas se não sei o que entende, avalio, todavia, a ideia que d'um namoro faz.

Para uma grande parte dos rapazes o ter namoro é uma necessidade, porque é um passatempo para as horas d'ocio, igual ou parecido com o murmurar dos velhos afeminados ou beatas solteironas que, não tendo negocios ou cuidados a discutir, criticam calunniosamente a vida alheia. Ter um namoro equivale a ser socio d'um qualquer club recreativo onde possamos passar uma tarde em alegre cavaco ou boa distracção.

Para nua dama, tambem ordinariamente, embora com excepções raras e muito raras, o ter namoro é uma questão de luxo, um figurino da ultima moda ou, ainda para nós, solteiros, um quasi cãosinho de regaço (bem mais feliz, porém, que o namorado) que a acompanha ao theatro, ao baile e á missa, embora um pouco de longe para receber em paga um sorriso—

suprema consolação — muitas vezes bem fingido, por trás d'um leque agitado por não sei quantos prévios estudos. Com o sorriso innumeras vezes estudado ante o espelho do toucador, a dama sae para a rua e fascina ou faz apaixonar-se um qualquer peralta que todo apolimentado a segue pelas ruas da cidade, como preso á cauda do seu vestido.

E' mais um lacaio que tem, um creado particular que lhe satisfará todos os caprichos ao menor gesto da sua vontade. E se este creado fôr despedido por uma pequena incorrecção praticada, a dama continua a sorrir porque sabe que mais pretendentes irão disputar o logar vago.

O laço de que a mulher se serve para adquirir um namoro, como objecto de luxo, é o sorriso; arma-se com elle, lança-o aos cortejadores e um ou outro ficará preso até que ella, por não lhe servir, o solte, restituindo lhe a liberdade.

O homem enamorado não é livre; é um escravo da mulher que ama ou julga amar e da qual depende a maior parte dos actos da sua vida. Verdadeiramente enamorado obedece-lhe cego, joga a vida n'um duello perigoso e ordinariamente resultante de haver outro pretendente a esse logar de escravo, menospresa os seus deveres sociaes e muitas vezes, se um dia não recebe o costume do sorriso n'um impeto de loucura, suicida-se deixando uma familia inteira no mais amargo luto, enquanto que ella, — a sua adorada — continua trajando galas e despedindo mais sorrisos aos cortejadores, um dos quaes, julgando-se tão feliz como um rei, com umas palavras bem estudadas e parecendo cheias de amor, lhe apagará nos ouvidos o som dos sinos que ainda dobram pelo que ha poucas horas ainda era seu feliz amante e ao qual jurou muitas vezes ser só e sempre d'elle e eternamente amar. Mas este namorar por luxo ou passatempo é tão prejudicial para quem assim o toma, que eu ousou afirmar que a maior parte dos suicidios é devido á errada comprehensão que muita gente tem do que é o namorar, ignorando que com o amor não se brinca.

Haverá tres annos que um rapaz, meu amigo, me disse

que se uma certa menina não correspondesse ao seu amor (não declarado ainda nas praxes d'uma carta) elle se suicidaria.

Já viram maior loucura? Felizmente consegui demovê-lo da sua sinistra ideia e parece-me que, d'ahi a pouco, esse amor que parecia brotar nos desejos d'uma pistola, principiou embebido no aroma d'um raminho de violetas offerecido n'um baile e que embora ressequidas, talvez ainda hoje sejam conservadas.

O amor é uma loucura, ou uma doença, como disse Voltaire, que ataca ao mesmo tempo a alma, o coração e todo o corpo.

E todavia elle é o sentimento mais nobre que uma alma póde ter; mas é necessario comprehendê-lo como abnegação reciproca, abandono de materia e inclinação de duas almas que, na melhor pureza d'intenções, n'uma só se querem juntar.

O amor como luxo ou passatempo é o inferno, é o caminho mais trilhado para o suicidio.

Como abnegação é o céu, e a mais frondosa e florente estrada da felicidade.

13-2-906.

Leisilcojo.

«O repouso, alternado com o trabalho e bem regulamentado, impõe-se como preceito fundamental da hygiene.»

Dr. Virgílio Machado.

Nova Associação

Os caixeiros de Faro e Olhão, reunidos n'aquella terra sob a presidencia do collega Arthur Honrado, que tinha por secretarios os companheiros Francisco d'Almeida e José Martins Calé, reuniram-se em casa do sr. Francisco Martins da Cunha e deliberaram a fundação de uma collectividade, denominando-a—*Associação de Soccorros Mutuos dos Empregados Commercias e Industriaes do Algarve.*

A reunião foi muito concorrida, e, depois de sobre a fundação da Associação terem fallado alguns collegas, fez-se a eleição do conselho fiscal e Commissão Administrativa, recaindo essa eleição nos seguintes collegas.

Conselho fiscal—Manoel Antonio da Silva, J. M. Santos e Silva e Julio Rougard Junior.

Commissão administrativa—Francisco d'Almeida, José Martins da Cunha, Antonio Joaquim Duque e Miguel Romero Fazenda.

Do intimo d'alma appoiamos as resoluções dos collegas de Faro e Olhão, offerecendo lhe ao mesmo tempo todo o nosso diminuto prestimo, e saudamol-os muito entusiasticamente.

Inauguração

Consta-nos ser breve a inauguração da prospera Associação de Classe das Quatro Artes de Construcção Civil.

N'esse dia haverão festejos e sessão solemne.

PREVENÇÃO

Fazemol-a a todos os nossos assignantes, de que, desde o dia 30 do mez corrente em diante, vae a administração d'«A Fraternidade» proceder, por via postal, á cobrança do 3.º semestre de assignatura.

Aquelles srs. assignantes que não queiram que se lhe faça a referida cobrança pelo correio, pódem, até aquelle dia, enviar-nos a respectiva importancia em estampilhas ou vales do correio.

A todos pedimos o favor de pagarem os recibos logo que lhe sejam apresentados, para evitarem a devolução d'elles, pois devem comprehendê-los que não tendo «A Fraternidade» outra receita que não seja o producto das assignaturas, grandes transtornos nos faz o não pagamento dos recibos.

—Pedimos a todas as pessoas a quem enviamos este jornal, o favor de o assignarem; e, no caso de não quererem obsequiar-nos com a sua assignatura, é tambem favor a devolução do jornal.

«O Caixeiro»

Entrou no 5.º anno de publicação este nosso denodado companheiro das lides jornalisticas.

E' «O Caixeiro» um d'aquelles que, com grande dedicação e brio, se tem mantido na primeira plana dos defensores da classe dos empregados do commercio.

Ao distincto confrade, incluindo os quadros de redacção e administração, este periodico remette um abraço da mais sincera felicitação e faz votos pelas suas prosperidades.

Os nossos trabalhos

Devido á dissolução das Côrtes, tivemos de suspender a remessa das circulares á imprensa do paiz, a pedir-lhe o seu apoio para a nossa causa. Mas não espiamos. O nosso proposito, a nossa vontade, a nossa energia, hão-de conservar-se sempre firmes, inabalaveis.

Se n'esta sessão legislativa nos foi impossivel dirigir ao governo o pedido de decretação do descanso dominical, dirigil-o-hemos opportunamente e, então, empregaremos os maiores esforços na propaganda da nossa justissima pretensão.

Somos uma classe numerosa que precisa de Liberdade. Conquistal-a é nosso dever.

Lucte connosco a classe, mas luctemos porfiadamente, porque havemos de vencer.

«Não somos machinas inexgotaveis; forçoso é que após o trabalho venha o repouso, e quebrar essa lei physiologica, aggravada de um excesso de 14 a 16 horas de trabalho, em casas insalubres e mal alimentados, não é um só attentado contra a hygiene, é um crime de assassinio.»

Dr. Mendes Lages.

Correspondencias

Arcos de Val-do-Vez, 12

Já, depois de ter enviado a minha correspondencia para a *Fraternidade*, recebi o numero 200, de 11 do corrente, da *Luz do Commercio*.

Li com ineffavel prazer e muita attenção aquelle bem redigido jornal, orgão da nossa desventurada classe, quando cheguei a certo ponto que me fez parar por alguns instantes e ao qual não posso deixar de informar melhor o auctor d'aquellas linhas. E' a correspondencia de Ponte do Lima, que eu me refiro.

Baseia se ella no descanso dominical; principia então dizendo que, em todas as villas do districto de Vianna do Castello, se tem tratado do descanso dominical, e lamenta que aquella villa ainda não tenha conseguido tão importante melhoramento

Diz mais:

«Temos por exemplo Arcos de Val-do-Vez, em que os donos dos estabelecimentos acceitaram de melhor grado, concordando que os seus caixeiros deviam ter algumas horas para descanso aos domingos».

Sim, não ha duvida nenhuma; apoio a reclamação assaz justa e obrigatoria do sr. Almendra, auctor d'aquellas linhas; mas, o que não posso, é, lendo aquelle bocadinho, passar, sem desembuchar e dizer aquillo que sinto.

Por isso, sr. Almendra, desde já peço desculpa d'este meu vil atrevimento, mas, convém informal-o do que se passou, para, não estar persuadido que, os caixeiros arcoenses gosam de regalias que não tem os d'és a villa.

Sim, foi verdade os commerciantes d'aqui acceitarem de bom grado a proposta que lhes foi apresentada ácerca do descanso dominical, concordando em dar aos seus caixeiros uma folga de tres a quatro horas, depois de 108 de constante lida, para o que todos unanimemente assignaram, debaixo da sua *palavra de honra*, essa celebre proposta.

Ficou então disposto o encerramento desde as 2 horas da tarde até á noite.

Nos primeiros mezes todos cumpriram devidamente o que assignaram; mas, passado algum tempo, *o que em antes já previamos!* . . .

Dois commerciantes de erragens, estando de *vis-a-vis* e não muito correntes um com o outro, entenderam que, estando com as suas portas fechadas aquelle pequeno espaço de tempo, não ganhariam o *pataquinho* para as sardinhas da ceia; por isso embirraram e não encerraram os seus estabelecimentos; não querendo saber do que tinham assignado.

Uma prova fulgente, que muito honrou os ditos senhores.

Ora, d'ahi tudo seguiu o mesmo exemplo, não se lembrando mais de encerramento.

Por isso, sr. Almendra, hoje, nós os caixeiros d'esta villa, não adiantamos mais que os d'ahi, sempre escravizados ao balcão,

labutando com as lides quotidianas que sobre nós pezam.

Esperemos pois, por uma lei que os obrigue a todos em geral a fecharem, e, então, depois diremos com toda a força dos nossos pulmões:

—Vivam os empregados no commercio! . . .

Magalhães Junior.

Setubal, 10

Anniversarios—Passa no dia 26 do corrente mez, o anniversario natalicio do meu presado amigo Alberto Mendes Fialho, extremoso filho do commerciante d'esta praça o ex.º sr. Mamede Mendes Fialho.

Rapz estimado entre a classe caixeiral d'esta cidade, e onde conta innumeras sympathias pelo seu character impoluto, franco e leal.

Por esse motivo o felicito, desejando-lhe ao mesmo tempo que este solemne dia se repita por longos annos.

—Em igual data tambem passa o anniversario natalicio do meu presado amigo collega e assignante d'«A Fraternidade» sr. Torquato Antonio Collaço.

Dou-lhe os meus sinceros parabens.

—Passa no dia 4 do proximo mez de março o anniversario natalicio do meu sincero amigo collega e assignante d'«A Fraternidade» sr. Casimiro Antonio Branco.

Os meus sinceros parabens.

—Tambem passa no dia 10 do proximo mez de março, o anniversario natalicio do meu amigo collega e assignante d'«A Fraternidade» sr. Militão José Pereira, a quem lhe envio os meus sinceros parabens.

Lamego, 31 —1—906

(ATRAZADA)

E' hoje a primeira vez que, encetando a missão de correspondente, me occupo a escrever estas limitadas linhas para a nossa querida *Fraternidade*, que tão cabalmente tem defendido os interesses da nossa desventurada classe.

Em quasi todo o paiz, a classe tem fundado as suas associações, que lhe tem servido de defeza, para conseguirem o tão almejado e justo descanso dominical, não por lei obrigatoria, mas a custo de grandes sacrificios, de que obteem sempre os melhores exitos.

Porém aqui no nosso velho Lamego, nada se tem conseguido.

Em primeiro logar por que não ha um collega que se imponha a fazer o mais pequeno serviço em favor da classe.

Já mais por que n'uma terra onde nunca houve associação commercial nem união no commercio, era-nos inteiramente impossivel o poder-se sair á rua rogando pelas nossas aspirações: e é este o motivo que ha tanto tempo nos está deixando viver na escuridão.

Hoje, porém, está-se fundando a Associação Commercial, e nós com a esperanza sincera de que esta nos auxilie vamos dirigir-lhe um officio pedindo-lhe a sua

A FRATERNIDADE

cooperação nas nossas justas e merecidas reclamações. Mas... infelizmente todos estes esforços serão baldados, pois que os estatutos da associação ainda não estão aprovados e por isso continuaremos no mesmo lethargo.

—Encontra-se enfermo o nosso collega e meu inolvidavel amigo Manoel da Silva Matheus: que o seu restabelecimento seja rapido é o que sinceramente lhe desejamos.

Onalucré.

Caixeiros! Exigir dos poderes publicos a lei do descanso dominical, a que tendes direito inquestionavel, é um dever que cumprís!

Marco Postal

H. S. S.—Lamego—Recebemos o seu postal e muito obrigados.

A. A. A. G.—Mealhada—Recebemos cartão e agradecemos o ter attendido o nosso pedido feito no ultimo numero d'este jornal.

F. P. V.—Ancora—Recebemos o seu postal e agradecidos nos confessamos pelas referencias que nos dirige. Oxalá todos pensassem como o amigo. Nós precisamos muito do auxilio da classe:—veja o amigo se nos auxilia, angariando-nos assignaturas.

H. S. S.—Lamego—Só vae hoje publicado, porque chegou tarde para sahir no numero passado.

M. J.—Arcos—Não nos temos esquecido, não; mas não temos encontrado nada.

J. G. da C.—Arcos—Recebemos postal e cumprimos suas ordens. Póde mandar escriptos para se publicarem, porque o nosso jornal publica tudo que se refira á classe e a esta dê interesse.

J. L. C.—Setubal—O resto vae no proximo numero.

J. A. S. G.—Coimbra—Já escrevemos á pessoa que sabe; mas até hoje ainda nos não mandou nada. Indique-nos a morada do amigo Julio.

Cercos americanos

Lêmos, ha dias, no importante diario lisbonense *O Seculo* uma informação de que se está organisando uma empreza ingleza para a explora-

ção da pesca da sardinha com cercos americanos, destinando-se ás costas de Portugal, especialmente á do norte.

—Embora esta informação careça de positivo fundamento, representa, no entanto, um aviso para as classes piscatorias do paiz que tem mais um concorrente e poderoso a fazer-lhes guerra nos interesses.

Tem-se procurado pôr entaves á concessão de armações de pesca para exclusivo da nossa gente do mar, e isto porque a rotina, a ignorancia, e o receio d'essa mesma guerra de interesses não deixa vêr que da implantação das armações e cercos americanos provém os maiores beneficios para os nossos pescadores.

O empréstimo dos tabacos

O *Economista Portuguez*, conceituada revista da politica e de finanças, que se publica em Lisboa, traz no seu ultimo numero um excellent artigo sob o titulo—O empréstimo dos tabacos e a questão connexa dos titulos de D. Miguel.

«Esse artigo é a proposito de uns cartazes mandados collocar ultimamente nas esquinas de Paris, nos quaes annuncia a notificação judicial que o sr. conde de Reilhac, em seu nome pessoal e como representante dos demais portadores de 32 *non encore regles* dirige a todos os estabelecimentos bancarios competentes para intervir na operação da conversão das obrigações dos tabacos e do empréstimo adjacente. Quer dizer, previne apenas o capital e a poupança franceza de que os novos titulos não serão admittidos á cotação official na bolsa, recommendando assim, implicitamente, a conveniencia de os não adquirir. E o successo da futura emissão comprometido de ante-mão, na praça de Paris»

O numero do *Economista Portuguez* a que vimos de nos referir transcreve na integra os dizeres dos citados cartazes.

ECCOS

Uma anedota do Rei da Suecia

O Rei Oscar da Suecia visitava ha poucas semanas uma das principaes cidades do reino. A povoação estava brilhantemente engalanada, sobresaíndo

entre todos os edificios, pela sua elegante decoração—a cadeia.

Entre as mil grinaldas que cobriam a fachada, lia-se em um cartão de dimensões colossaes a seguinte saudação: «*Vinde, em boa hora, seuhor!*» que aliás se repetia em muitos outros pontos da cidade.

—Que edificio é este?—perguntou o monarcha.

—A cadeia, meu senhor,—respondeu, curvando-se, um ajudante.

O Rei deu uma gargalhada e retorquiu:

—Aprecio, pelo que vale, aquella saudação; mas, francamente, parece-me que é demasiado cor-deal...

O Imperador Guilherme e o reino de Deus

Quando o «Kaiser» allemão foi visitar uma parte afastada dos seus dominios, os alumnos da escola elementar deram-lhe as boas vindas.

Depois que um orador discursou em nome d'elles, o Imperador agradeceu; e em seguida pegando n'uma laranja perguntou:

—A que reino pertence isto?

—Ao reino vegetal, Senhor, disse uma menina.

O monarcha tirou então do bolso uma moeda de ouro, mostrando-lh'a, interrogou:

—A que reino pertence a moeda?

—Ao reino mineral, Senhor, respondeu a criança.

—E a que reino pertence eu, insistiu Guilherme?

A pequena córou, porque não queria dizer que ao reino animal, temendo offender sua magestade; teve, porém, uma inspiração verdadeiramente christã e engenhosa, e respondeu com olhos brilhantes:

—Ao reino de Deus, Senhor.

O Imperador ficou commovido, uma lagrima lhe assomou aos olhos; pôz a mão sobre a cabeça da menina e disse com solemnidade:

—Oxalá seja eu digno d'esse reino!

Todos quantos presenciavam, ficaram admirados da nobre attitude do soberano, as lagrimas saíam espontaneas dos olhos de muitos e um *hurrah* verdadeiramente desprendido d'alma acclamou o Imperador.

A mudança da côr dos olhos

Será possível mudar a côr dos olhos? Póde, por exemplo, transformar-se artificialmente em reflexos escuros, negros ou dourados, o azul dos olhos d'uma linda mulher loura ou o sombrio olhar d'uma morena?

Em principio parece uma coisa impossível. Ha olhos que mudam de côr espontaneamente, revelando o estado de animo da pessoa; mas esta polychromia é obra da natureza. Não se concebe a possibilidade de uma operação cirurgica ou de tratamento chimico que produza semelhantes resultados. A fixidez da côr dos olhos é tão constante e estavel e está tão ao abrigo de alterações que é considerada como signal de identidade, quasi infallivel, nos postos de anthropometria.

Apesar de tudo isto, porém, dois oculistas americanos, os drs. Has-

kell e Hefferman, conseguiram modificar, ao que parece, a collocação dos olhos por meio da tatuagem que se pratica diariamente na «Massachussetts's Infirmary» de Boston.

Depois de insensibilisar os olhos por meio da cocaina, com auxilio de umas agulhas excessivamente finas, perfuram o globo do olho umas cem vezes, de modo que a agulha não entre mais que uma decima de millimetro e em cada uma d'essas picadas deitam uma gotta de certo liquido azul, verde, negro ou castanho, segundo a côr que se prefere.

Os operados estão depois uma semana n'um aposento escuro e ficam com os olhos—novos...

Aos que tiverem «olhos de gato», ahí lhes fica um meio de os tornarem bonitos e seductores...

«Toilette», singular

A mais extraordinaria «toilette» que até hoje tem revestido a graça d'um corpo feminino é, sem duvida, a que, ha poucos dias, se lembrou de apresentar a condessa de Palavolovestsch, n'uma «soirée» dada em Benarès pelo vice-rei das Indias inglezas, lor Curzon.

Sobre o corpete de musselina e a saia de seda bordada a oiro, mandára pregar essa dama, n'um capricho requintado e raro, nada menos de seiscentos d'esses vagalumes apanhados nas margens dos Ganges,—e que são pouco mais ou menos da mesma especie d'aquelles a que o nosso povo dá um nome um tanto drolatico e equivoco de mais, para que o reproduzamos aqui.

Através de outros tantos minusculos globos de crystal o effeito produzido por esse vestido de baile que causou uma impressão enorme era absolutamente feérico.

Vista de perto, essa «toilette» de fada dir-se-ia feita de chammas azuladas, vacillando e lampejando, ora vivas como a luz electrica, ora phosphorejando n'um estrellamento irizado e ondeante, como a tunica da Geraldine, na dansa serpentina!...

Elephante... ama secca

Causou ultimamente um fremito de pasmo a todos os visitantes do Jardim Zoologico de Glen Island (New-York) o facto de verem ali um elephante guiar enternecidamente o carrinho d'uma criança de quinze mezes.

Esse elephante, de nome Bazel, tendo visto o seu «cornac» (guia) conduzir o carro d'um filhinho, quiz substitui-lo n'aquella tarefa. Ora, como o bébé não se insurgisse, o sollicito pachyderme faz todas as tardes as delicias dos visitantes do jardim com aquelle seu zelo «maternal», quer dirigindo com a monstruosa tromba a pequena carrinhola, quer embalando-a com a pata carinhosamente.

O elephante em questão é um exemplar do sexo feminino, mede 3^m,60 d'altura e o seu peso excede quatro toneladas metricas, ou sejam mais de 266 arrobas!

Ninguém deixe de comprar nos "Grandes Armazens de Fazendas de Aurelio Ramos", porque n'esta casa é tudo mais barato do que em qualquer outra.

PREÇOS FIXOS

Em Setubal

Ainda o encerramento—
Caixeiros processados—
Commerciantes teimosos—O povo defende os direitos da nossa classe—Notas

Decorridos vão dois mezes, apóz a memoravel noite de 10 de dezembro ultimo;—noite em que os caixeiros d'esta cidade, tiveram que mostrar o quanto vale uma classe bem unida, e instruida, fazendo vencer, pela força da justiça, dois teimosos commerciantes que tentavam derrubar todos os sacrificios feitos em prol do encerramento.

Esses commerciantes,—os srs. Henrique Pacheco e Joaquim Netto de Carvalho,—teem feito uma guerra atroz á nossa justa causa. De tudo teem elles lançado mão para verem sossobrar, ao menor descuido que por nossa parte haja, o que, com tantos sacrificios e trabalho nos custou a implantar.

Em um dos ultimos domingos estavam os dois commerciantes citados, de porta aberta. Eram 5 horas da tarde, quando appareceram alguns caixeiros que lhes pediram para encerrar os estabelecimentos, visto a hora ser já bastante adiantada e o resto do patronato, digno e honrado, assim ter procedido; e ainda para não dar occasião a tumultos, o que seria devêras para lamentar.

Mas os nossos homens não accederam ao pedido.—e continuaram de porta aberta!

Como a noite, porém, se fosse approximando, e os nossos amigos continuassem assim de porta aberta, o povo foi-se agglomerando em frente dos estabelecimentos, apupando os dois caturras. Mas a nada elles se moviam; e quando um popular, vendo a nojentia e persistente teimosia do sr. Pacheco, se dirigiu para o estabelecimento pedindo para lhe venderem qualquer objecto; como a resposta fosse de que nada se vendia, o freguez, então, perguntou qual o motivo, porque, estando o estabelecimento aberto, o sr. Pacheco nada vendia; e, então, este sr. tratou de empurrar o freguez para a rua; e vendo-se este assim maltratado, deu-lhe dois valentes sócos, o que deu occasião a maior charivari e a uma gargalhada geral, acompanhada de *fecha a porta, judas!*...

Parece que n'esta occasião o nosso *homeminho* se convenceu de que por aquelle meio nada se podia fazer, e tratou de encerrar o estabelecimento, sendo n'este proceder acompanhado pelo seu amigo e visinho sr. Netto de Carvalho, o qual foi tocado de *assobios*; e tentando entrar dentro do estabelecimento, foi impedido pelo policia. Mas ainda não ficaram por aqui as tentativas feitas por aquelles dois commerciantes contra o encerramento, visto terem processados tres collegas; isto, naturalmente, para nos atemorisar; mas enganou-se, porque aconteceu justamente o contrario.

A classe está disposta a lutar até á ultima, porque reconhece que o que pede não é

uma exigencia, mas sim uma justiça.

Ultimamente os srs. Pacheco e Netto de Carvalho, andaram com uma petição pelos estabelecimentos de mercearia, mendigando assignaturas para as apresentar á auctoridade administrativa, pedindo para que esta garantisse a segurança na reabertura dos estabelecimentos.

Mas ainda d'esta vez saíu gorado o projecto para derrubar o encerramento, se bem que alguns commerciantes, que só teem em mira a ganancia mesquinha de dez réis de café ou um vintem de chá que deixam de vender ao domingo de tarde, assignassem Outros houve, que, reconhecendo a justiça que assiste ás nossas pretensões, não assignaram e correram com elles, dando isto motivo a que os homens tivessem de desistir; mas ainda d'esta não desanimaram; e logo, puzeram em pratica novo processo que foi officiar á Liga Commercial dos Revendedores de Viveres, queixando-se de os caixeiros os terem insultado, e pedindo a convocação de uma assembleia geral.

Essa reunião, que teve logar no preterito domingo, 21, correu bastante animada, e n'ella fizeram uso da palavra, advogando a causa os caixeiros, os srs. Josué Nascimento, Antonio e Anselmo, e o presidente da commissão do encerramento, sr. José Agostinho Paulo.

Advogando o procedimento do sr. Pacheco, falaram os srs. José da Rocha, Dias Costa e Victorino Moreira Rodrigues.

No final da sessão sr. presidente, ou seja o sr. José da Rocha, vendo que no decorrer da sessão o sr. Pacheco havia estado sempre callado, perguntou-lhe se desejava fazer uso da palavra sobre o assumpto, ao que elle respondeu:—«Só falo com quem entendo e aonde quero!»

Como se vê, o sr. Pacheco, (o principal promotor da reunião,) vendo que não conseguiu o seu fim, desrespeita quem estava na reunião, respondendo com insolencias que não são proprias de um commerciante!...

E não haver por lá batalas!...

Tambem no passado domingo, 21, o sr. Candido Emilio Portas, proprietario de uma pastelaria, sita na rua Serpa Pinto, lembrou-se de reabrir o seu estabelecimento, isto depois de ter dado a sua *palavra d'honra*, de que não abriria.

Como é de esperar, fez logo juntar muito povo em frente do estabelecimento, começando a ser apupado o seu proprietario, directa e indirectamente, e um outro commerciante da mesma rua, instigador do estabelecimento estar aberto, quando viu tamanho *banzé*, deu ás de Villa Diogo...

Como, porém, o sr. Portas se visse só e afflictissimo, pois o povo tentava entrar dentro do estabelecimento, mandou avisar a policia, a qual correu para o local, mas o povo não se atemorizou e continuou protestando contra o estabelecimento estar aberto.

O sr. Portas, reconhecendo

ser impossivel ir ávante o *desideratum* do sr. conselheiro, encerrou o estabelecimento, prometendo todavia reabril-o no domingo seguinte. Effectivamente, no passado domingo, 28, eram 3 horas da tarde estava o estabelecimento fechado, mas dois policias guardavam as portas.

Quando, porém chegou a noite, em seguida, o nosso homem reabriu mas parte da commissão de vigilancia foi falar com elle, para ver se chegavam a um accordo e não darem occasião a maiores vexames.

Felizmente assim succedeu; o sr. Portas que a principio se mostrou um grande resistente, acabava por confessar que havia sido instigado por um visinho a proceder d'aquelle fórma, mas que ia já fechar e que nunca mais tornaria a abrir.

E assim terminou uma caturrice que poderia ter dado mais lamentaveis resultados, do que ter dado motivo ao processo de quatro collegas, entre elles o nosso amigo Antonio Jacintho Carvalho, thesoureiro da nossa Associação de classe.

O *Germinal*, um dos mais bem redigidos jornaes que aqui se publicam, refere-se ao acontecido e fala de fórma a mais digna, mostrando verdadeiro interesse pela nossa causa. Sentimos não podermos aqui transcrever essa local, porque o espaço de que dispomos prohibenos de o fazer.

A commissão do encerramento officiou a todas as associações de classe locais, pedindo o seu apoio n'esta santa cruzada.

A classe dos barbeiros locais vae tambem iniciar um movimento para conseguir o encerramento ao domingo á tarde, dos estabelecimentos d'aquelle genero.

Para isso põem em pratica, pediram o apoio da nossa classe, o qual já lhe foi dado.

Oxalá consigam o que desejam.

Para Montemór-o-Novo, parte no proximo dia 21, em visita a alguns amigos e collegas, seguindo d'alli Brinches, sua terra natal, aonde vae visitar sua estremecida familia, o nosso querido amigo e illustre collega, José Luiz Cavaco, que n'esta ci-

dade exerce o cargo de correspondente d'este jornal.

Boa viagem e que goze muito, são os ardenles votos d'este seu inseparavel amigo.

A. V. E.

E' preciso que a classe se convença de que, sem se resolver a lutar decididamente pela sua causa, nunca as regalias a que tem direito lhe serão concedidas.

Joaquim Brandão

Retirou d'esta villa para Ponte do Lima, e d'aqui já deveria ter seguido para o Porto, onde vae continuar a sua carreira commercial n'uma importante casa, o nosso dedicado amigo e collega Joaquim Alves Brandão.

«O descanso de um dia por semana para todo o trabalhador, quer seja caixeiro, marçano ou outro, impõe-se como uma necessidade axiomática.»

Dr. Souza Martins.

Associação de Classe das Quatro Artes de Construcção civil

CONVITE

Para se proceder á eleição dos corpos gerentes, convidam-se por este meio os socios d'esta Associação a reunirem, no dia 18 do mez corrente, na respectiva séde, á rua Visconde de Leiria.

Se n'aquelle dia não comparecer a maioria dos socios, fica a reunião desde já transferida para o dia 27 de este mesmo mez.

A sessão será aberta ás 3 horas da tarde.

Barcellos e secretaria, 13 de fevereiro de 1906

O Presidente da Commissão administrativa,

Manoel Martins d'Azevedo

"A FRATERNIDADE"

Orgão dos caixeiros e do commercio em geral

BARCELLOS

Car. mo L. ad.